

Encuentro de Educadores



OS DESAFIOS EDUCATIVOS QUE O MUNDO ATUAL APRESENTA

Juan Antonio Ojeda Ortiz, fsc.

Responsável pelos Projetos da OIEC (Oficina Internacional da Educação Católica).

Consultor da Congregação para a Educação Católica.

Antes da pandemia a educação já era diagnosticada negativamente; se dizia que estava caduca, firmada no passado, rotineira e memorizadora, que não respondia aos desafios e necessidades de seu tempo, que “a escola mata a criatividade”¹ e “estafa e rouba a vida das novas gerações”², que nos encontrávamos em “emergência educativa”³ ... E uma infinidade de desqualificações e perigos que, em vez de nos preocupar ou mobilizar, não os ouvimos, olhando para outro lado; ou, reafirmamos, como defesa, que “aqui se fez sempre assim”... legitimando a má educação.

Nas últimas décadas muitos informes da Igreja, dos organismos internacionais ou nacionais, dos especialistas e investigadores, nos traçaram o caminho de aperfeiçoamento a seguir, mas, estamos divididos ou os ignoramos. Poderia colocar muitos exemplos, um muito simples é o Informe Delors, publicado em 1996, que colocava a melhora educativa no desenvolvimento de quatro pilares: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, e aprender a conviver. De todos eles, o mais cultivado até agora foi o de aprender a aprender, nos centralizamos nele, no desenvolvimento intelectual, na mente, na cabeça das crianças e jovens, esquecendo quase completamente os outros três. À luz das necessidades e tendências atuais, reforçadas com a pandemia, o diagnóstico é que deveríamos centralizar com mais profundidade e afinco o aprender a ser e o aprender a conviver. A atual crise de saúde manifestou a crise de valores, do ser; e, a crise de nossas relações com os demais, do conviver. Hoje há necessidade de pessoas virtuosas nas quais prime o respeito, a justiça, a paz, a honradez, a verdade... e sejam capazes de se relacionarem com os demais com empatia, compaixão, fraternidade. Inclusive, deveríamos introduzir hoje mais dois pilares aos quatro de Delors: o aprender a servir e o aprender a cuidar da “casa comum”.

Nos anos anteriores à pandemia, a educação falhou. E, com a pandemia, a falta de boa e adequada educação agravou a crise de saúde e a ampliou. Recentemente, em outubro de 2020 por motivo do relançamento do Pacto Educativo Global, o Papa Francisco qualificou a situação atual de “catástrofe educativa”. Isto nos deve deter, para refletir e diagnosticar o que estamos fazendo mal e devemos mudar, o que estamos fazendo bem e devemos impulsionar e melhorar; e, então, que novidade introduzir, que inovações são necessárias para educar eficazmente, integralmente, transformando vidas e contextos para realmente mudar a educação, e através dela mudar a sociedade.

¹ Ken Robinson (2014). Las escuelas matan la creatividad.

² Claudio Naranjo (2017). La educación del s. XXI. Congreso Futuro, Chile.

³ Papa Benedicto XVI (2008). Mensaje a la Diócesis de Roma sobre la tarea urgente de la educación.

Encuentro de Educadores



Devemos retomar alguns informes emanados nestes últimos anos, tanto da Igreja como da UNESCO, especialmente: “*Gravissimum educationis*” (1966), “Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova” (2014), “Educar para o humanismo solidário” (2017), “Reconsiderar a educação” (2015); “Declaração de Incheón” (2015), “Os futuros da educação” (2021)... Todos nos falam de renovar, transformar, reinventar, reconsiderar, imaginar a educação, ante um mundo que se desumaniza, se torna mais violento, corrupto e excludente, descuidando das relações com as pessoas e com o meio ambiente.

A partir deste breve e rápido diagnóstico, nos adentramos nos desafios atuais da educação em geral e da escola católica em particular, que exporei de forma esquemática e com certa hierarquização, desde meu ponto de vista, indo do mais ao menos importante, embora tudo seja importante.

Contudo, podemos afrontar estes desafios na ordem em que pensem ser mais conveniente e possível, conforme vocês definirem seu percurso histórico e sua realidade atual.

Principais desafios atuais:

1.- **Diagnosticar e compreender qual é o estado real da educação que oferecem** em seus centros, salas de aula, corredores, pátios... Se não sentirem necessidade de mudança, a imperiosa urgência de mudar, nada irão mudar. Mais do que averiguar urge atuar. Urge introduzir novos critérios, novas metas e novas práticas sem medo, com confiança. Fazendo o que sempre temos feito nos equivocaremos tanto ou mais do que atrevendo a fazer algo novo. Não à inação.

2.- **Enfrentar a mudança a partir de uma ótica colaborativa, trabalhando juntos e em rede**, envolvendo todos os agentes da comunidade educativa (Diretores, docentes, famílias, crianças/jovens, colaboradores...), contando também com o contexto. Comporta mudança de paradigma, passar do competir ao colaborar. Não é fácil, requer tempo, devemos ir crescendo em capacidade colaborativa.

Para tanto, precisamos colaborar internamente (professores, alunos, escola – família, escola – entorno,...) há muitas fragmentações no centro educativo, franco atiradores que desviam ou tornam ineficaz o projeto. Desse modo encontramos que os professores da Educação Infantil tomam decisões que não têm continuidade no Ensino Fundamental I, no Ensino Fundamental II, etc.; ou que, por um lado vai o professor de língua e por outro o de matemática; ou não há coordenação com as famílias; ou ensinamos nas aulas uns valores e no esporte escolar outros...

A colaboração também requer novas estruturas organizativas, mais horizontais, flexíveis, descentralizadas, baseadas na confiança e na autonomia conjugada a partir da interdependência.

Requer igualmente uma nova liderança. É essencial e determinante apostar em uma nova liderança. Uma liderança coletiva, compartilhada, resumida em dois eixos: a humildade (capaz de escutar, aprender dos outros, ser consciente de suas limitações); e no desenvolvimento das

Encuentro de Educadores



peças da organização. A genialidade é coletiva. Contar com todos e facilitar para que coloquem seus talentos a serviço de todos. Trabalhar juntos. Também é importante assegurar certa continuidade e adequado desafogo na liderança, com líderes bem formados.

Por outro lado devemos ser capazes de colaborar com as outras escolas próximas ou mais distantes; e com os contextos sociais, culturais, esportivos, associativos, artísticos, ecológicos, etc. onde se localiza o centro educativo.

Alguns perigos que nos espreitam são: o individualismo, a uniformidade, a fragmentação, a homogeneização... Não devemos nos esquecer de que a unidade de funcionamento é o centro educativo e não a rede. Partilhar gera valor, e não impeçamos que cada escola coloque o seu, homogeneizando-as.

3.- Professores com ânimo, comprometidos com a educação como bem comum, capazes de “iluminar, bendizer, vivificar, levantar, sanar, liberar” (EG, 273). Professores competentes, bem formados e atualizados, que amem realmente seus alunos, que sejam carinhosos e ternos com eles. Educar é amar, insistem o Papa Francisco e tantos outros. Na escola tradicional os professores se colocavam acima e na frente, e determinavam o quê, como, e quando ensinar, de forma impositiva e memorizadora. Nos princípios do século XX, com o movimento da Escola Nova, seu papel mudou, colocando-se ao lado de seus alunos, acompanhando-os, facilitando sua aprendizagem. Hoje, em pleno século XXI se pede ao mestre e aos adultos darem um passo atrás⁴, para possibilitarem aos alunos mais protagonismo e autonomia, escutá-los favorecendo que desenvolvam seus talentos e interesses. Deixemo-nos surpreender pelas crianças e jovens.

Docentes capazes de acolher todos, especialmente os últimos, de maneira que “ninguém fique para trás”. Assim como nos dizia Lorenzo Milani na Escola de Barbiana: “a escola não é um hospital para saudáveis”. Cada vez mais teremos alunos plurais, diversos, únicos.

Devem educar a partir de dentro, despertando e desenvolvendo os talentos e qualidades de cada um dos estudantes. Viemos de educar a partir de fora, exigindo que memorizem o conhecimento que lhes ministramos, sem desenvolver suas capacidades, competências e valores.

Necessitamos professores vocacionados, que exerçam sua profissão com paixão, alegria e criatividade para atender cada um conforme suas necessidades.

4.- Colocar a pessoa no centro de sua aprendizagem facilitando a participação ativa e a colaboração, capacitando para que transforme sua vida e seu contexto. O Papa Francisco nos diz que educar é servir e que educamos para o serviço. Devemos possibilitar uma educação transformadora, que leve as crianças desde a mais tenra idade e os jovens ao compromisso e à ação social.

⁴ Papa Francisco (2019). Discurso aos jovens participantes do Encontro EU POSSO!

Encuentro de Educadores



Possibilitar uma educação integral, que eduque não apenas a cabeça (mente), mas que parta do coração (emoções, sentimentos, motivações) e leve às mãos e pés (ao compromisso e mobilização em favor dos mais desfavorecidos, sendo compassivos e comprometidos com os outros) e ao cuidado da “casa comum”.

5.- **Uma escola em saída, capaz de ir e de chegar às periferias internas e externas** da própria escola ou centro educativo, ou seja, aos mais débeis, vulneráveis e necessitados, evitando as desigualdades e o descarte... entre eles, em muitos contextos e países, as meninas são as mais assediadas ou excluídas da educação. Devemos apostar firmemente pelo direito de todos a uma boa educação.

Podemos enfrentar esse desafio sozinhos ou com outros. **Urge trabalhar intercongregacionalmente** para chegar às periferias mais afastadas e necessitadas. Um bom exemplo: “mestres, escolas sem fronteiras”, como o movimento “médicos sem fronteiras”, capazes de mobilizar-nos e atender meninos e meninas vítimas de catástrofes naturais, ou de ir às periferias de exclusão das cidades onde os meninos são os primeiros afetados (meninos de rua...). Talvez não possamos ir sozinhos, mas com outros, sim.

Em *Gravissimum educationis* a Igreja nos impulsionava à colaboração⁵, inclusive nos desafiava a liberar professores para ajudar outras escolas próximas ou distantes, carentes de meios, no seu desenvolvimento e melhora, para aumentar sua qualidade e equidade. Já passaram mais de 55 anos, e o que fizemos? Fala-se, hoje, de professores nômades do conhecimento, que ajudam outros docentes, dentro do centro ou em outros centros, a se formar e se inovar para responder melhor às necessidades cambiantes e aos novos desafios.

6.- Neste cenário **o Pacto Educativo Global se apresenta como uma oportunidade e um compromisso** para mudar a educação e responder às necessidades e desafios de hoje e de amanhã, trabalhando juntos para mudar a sociedade, para torná-la mais humana, fraterna, solidária e sustentável. É importante somar-nos, aderir-nos a esta aliança global. Mudar a educação é coisa de todos e entre todos. Precisamos trabalhar juntos todos os agentes educativos dentro da Comunidade Educativa de cada centro educativo, mas também trabalhar junto com outros centros e agentes educativos e sociais do contexto (bairro ou cidade) e a partir daí colaborar com a nação e o mundo, tecendo uma rede de mudança local e global... a mudança não será possível sem os outros, sem todos. Representa pouco uma escola isoladamente falar de reciclar ou de fraternidade se as escolas ao redor dela não reciclam, nem cultivam a fraternidade entre todos.

7.- **Gerar uma comunidade cristã referencial, que seja o coração da escola.** Antes era a comunidade religiosa, agora é uma comunidade de religiosas e de leigos que vivem seu batismo e vocação partilhando um mesmo carisma, no qual se devem formar e fazer evoluir juntos, como nas origens da Instituição.

⁵ Vaticano II (1965). *Gravissimum educationis*, n. 12

Encuentro de Educadores



8.- **Inovar e experimentar**, não porque é moda, senão pelo compromisso para servir melhor e educar. Isto nos coloca em tensão constante, para superar-nos dia a dia como se não tivéssemos chegado à meta. Sempre podemos e devemos continuamente melhorar.

9.- **Uma escola conectada com a vida**. Capaz de ir à vida, tocá-la, compreender suas necessidades, problemas e esperanças. Uma escola capaz de trazer a vida à escola. Não demos as costas à vida. Não a uma educação descontextualizada e impessoal.

10.- **Mudar a educação comporta** sermos capazes de modificar e enriquecer o currículo; mudar ou introduzir novas metas, mais centradas nos valores do evangelho e na nova humanidade que juntos vamos gerar; modificar os programas/pautas de ação dos professores e estudantes dando mais protagonismo a crianças/jovens; introduzir metodologias mais ativas, participativas e colaborativas que os levem ao compromisso e à transformação social, propiciando uma aprendizagem mais interdisciplinar.

A escola não é apenas um lugar de aprendizagem, também é um lugar de relação onde os estudantes aprendem a conviver, a se responsabilizarem uns pelos outros, a serem solidários para que ninguém fique atrás, sendo acolhedores e cuidadosos com seus companheiros e com o contexto onde habitam. O espaço escolar (salas de aula, corredores, pátios, acessos...) se apresentam como o “terceiro educador”⁶, um lugar de encontro, aprendizagem e relação, um lugar para experimentar e para viver os valores, onde trabalham juntos em um ambiente de caridade. Hoje se fala em “hiper-aulas”, nelas vários professores educam juntos. Por isso devemos redesenhar as escolas, para centrarem a aprendizagem no aluno, e para que sejam lugares de encontro e vida.

Ao modo de conclusão ou reflexão final...

São imensos os desafios para a escola católica de hoje e do futuro. Permitam-me terminar com as palavras do Papa Francisco dirigidas aos professores e estudantes das escolas jesuítas de Itália e Albânia, em junho de 2013. Elas nos estimulam, hoje, a renovar com muito ânimo a paixão educativa: *“Não desanimem ante as dificuldades que o desafio educativo apresenta. Educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser; para educar é necessário sair de si mesmo e estar no meio dos jovens, acompanhá-los nas etapas de seu crescimento colocando-se a seu lado. Dar-lhes esperança, otimismo para seu caminho pelo mundo. Ensinem a ver a beleza e a bondade da criação, e da pessoa humana que sempre conserva a imagem do Criador. Porém, sobretudo, testemunhem com sua vida aquilo que transmitem. Um educador [...] com suas palavras transmite conhecimentos, valores, porém será incisivo nos educandos se ele acompanhar as palavras com seu testemunho, com sua coerência de vida. Sem coerência não é possível educar”*.

⁶ Loris Malaguzzi, Escuelas Reggio Emilia.